

# A PROPAGANDA NAZISTA

## Como fazer uma fábula se tornar verdadeira

BEATRIZ DE MEDEIROS AZEVEDO E MICHELE CRUZ VIEIRA

**A** influência da cultura grega sobre a sociedade ocidental não se resume a costumes e tradições. Na mitologia da Grécia Antiga, a composição dos deuses é hierarquizada, favorecendo-os em detrimento das deusas, e se apóia em um sistema de valores. Zeus todo-poderoso tem o direito de vida e morte sobre tudo e sobre todos. Sua mulher Hera, reprimida, busca sempre compensar-se pela infiável série de transgressões conjugais que o marido comete por ser onipotente. No mito de Prometeu, o herói é condenado por favorecer os mortais.

Alguns aspectos da história de Prometeu, que forneceu fogo aos homens e foi castigado por Zeus, podem ser comparados com uma das épocas mais marcantes da história do século XX: o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial.

O período entre-guerras é caracterizado pela crise da sociedade liberal, em que os conflitos sociais aumentavam. Os governos na Europa se mostravam impotentes frente às crises econômicas que aguçavam as insatisfações sociais. Os setores que mais se agarravam aos valores liberais, como a pequena burguesia, empobreciam e sentiam-se ameaçados pelo avanço da classe trabalhadora. Por isso, os adeptos do capitalismo sentiam a necessidade de uma autoridade coordenadora central que agisse de acordo com seus in-

resses, esmagando a possibilidade de uma revolução socialista. Foi então que os capitalistas recorreram ao Fascismo, na Itália, e ao Nazismo, na Alemanha.

O Nazismo foi financiado e sustentado pela grande indústria, bancos e finanças em geral para legitimar o capitalismo. O novo regime seria, portanto, a autoridade que garantiria os privilégios dos liberais. Daí os partidos fascistas chegarem ao poder por via legal: Mussolini, em 1922, e Hitler, em 1933.

No entanto, como atrair a massa para a ideologia fascista?

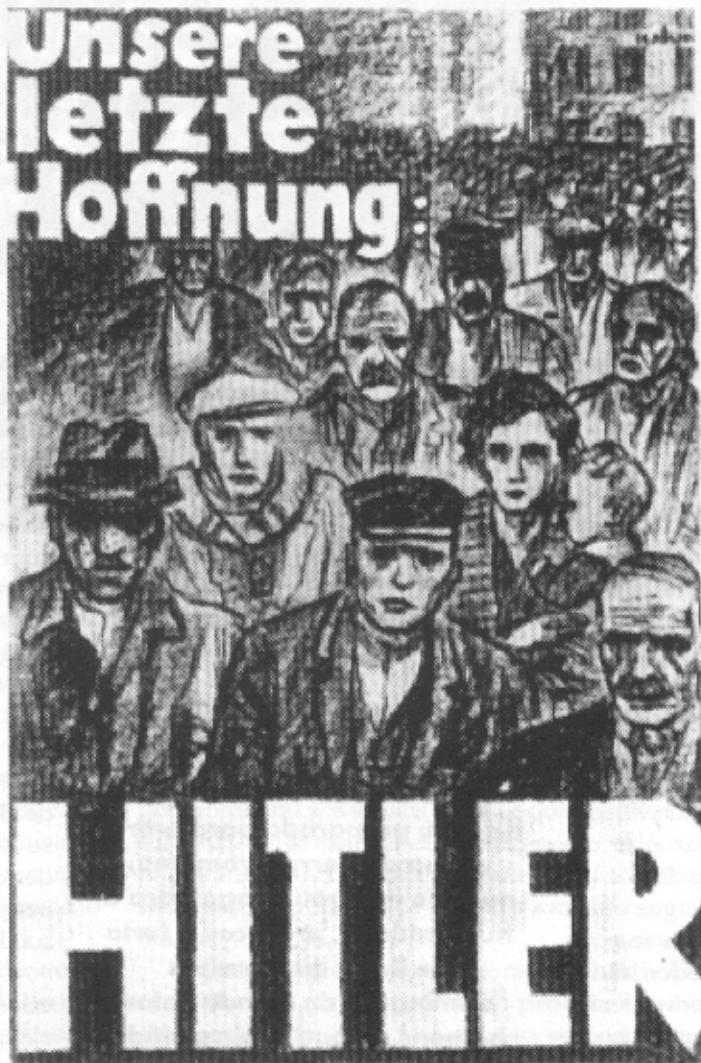
A publicidade e propaganda fascistas deveriam ser hábeis. Os programas dos partidos fascistas eram formados de palavras-chave socialistas e de acusações contra os "responsáveis" pela crise, com isso buscando atrair os descontentes. A ideologia fascista manifestava-se sobretudo no irracionalismo, no antiparlamentarismo, no nacionalismo agressivo.

A livre iniciativa por eles defendida não se realizou, mas seus direitos de obter lucros e de propriedade eram garantidos. Quanto aos trabalhadores, tiveram os sindicatos dissolvidos, os salários reduzidos e o direito de greve abolido.

Além dos socialistas, os nazistas tinham um outro bode expiatório: os judeus, que diziam serem os culpados tanto pelo bolchevismo quanto pelo capitalismo internacional.

No período entre-guerras a Alemanha se preocupou com o rearmamento do seu exército e, em 1939, tinha as atenções voltadas para a Polônia. Já preparando a guerra contra esse país, fez o pacto de Não-Agressão Germano Soviético com a URSS. Mas em setembro de 1939, a Polônia foi invadida e se iniciou a Segunda Guerra Mundial.

A Alemanha investiu em armas e se viu preparada para entrar em uma guerra. Prometeu, quando mostrou o fogo para a humanidade, provocou a fúria de Zeus, que temia a dominação do



Propaganda Nazista: "Nossa última esperança" Hitler.

mundo pelos homens. O fogo nesse sentido representa a força, a capacidade de dominação de quem o conhece.

Hitler espalhou sua fúria contra os judeus e Zeus contra a humanidade. O mundo na época do Nazismo se encontrava como os homens na história da Caixa de Pandora: frente a frente com os males mas ainda com a esperança guardada dentro da caixa. Hitler abriu para o povo uma imagem de uma raça perfeita, como Pandora. Mas por trás dessa beleza, havia os males traduzidos em um discurso conservador e agressivo.

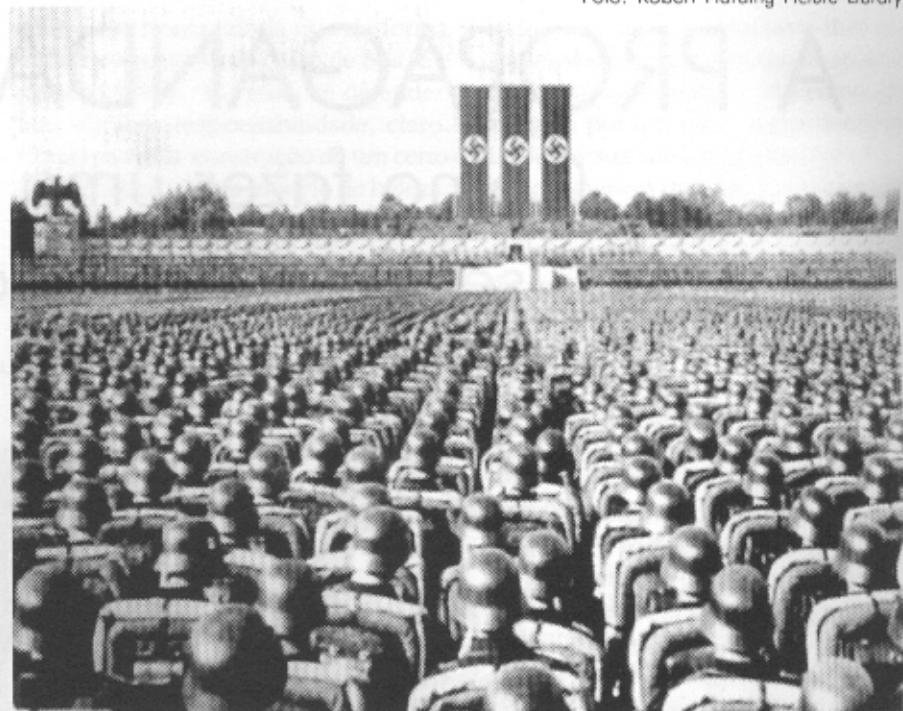
Invadida por todos os lados, a 7 de maio de 1945, a Alemanha foi obrigada a se render e o "salvador" foram os Estados Unidos. Hércules também libertou Prometeu mas, como garantia de que iria ficar preso ao Cáucaso, levou um anel com uma pedra retirada do monte. Os Estados Unidos depois da Guerra ajudaram os países europeus a se reconstruírem e o dólar passou a ser a moeda dominante no mundo, mantendo as outras dependentes de sua flutuação.

### O segredo do sucesso de Hitler

Aos olhos do mundo a Alemanha era um bloco unido. Sua hegemonia na Europa era visível e queria estender essa dominação para o resto do mundo. Porém, essa idéia de "união" para os alemães era um pouco equivocada devido às divisões e aos confrontos de opiniões que ocorriam internamente.

A política de Hitler foi submetida a plebiscito na Alemanha obtendo 99% dos votos. Seria falso pensar que ele conseguiu isso pelo terror físico. Ele conquistou o poder sem sangue e sem golpe. Hitler apenas se impôs ao povo alemão e este o levou ao poder. Não se pode afirmar porém, que o povo alemão tinha consciência do que estava fazendo. Certamente não. Hitler venceu às custas da "violência psíquica". Os plebiscitos hitleristas já tinham se tornado lugar comum, mas Hitler continuava desafiando o resto do mundo. O povo alemão agia de acordo com o senso comum e demonstrava que raciocinava, analisava os acontecimentos e os aprovava.

O mais impressionante não era o apoio dado pelo povo alemão ao Führer, mas o fato de governantes estrangeiros, políticos experimentados, ficarem hipnotizados por uma suposta "coerência", e a existência de um bloco de 75 milhões de pessoas (população alemã



O Führer: comício nazista em Nuremberg.

da época) aprovando com votos aquele governo.

Hitler tinha uma força fictícia que se alimentava com a hipnose do resto do mundo e da fraqueza decorrente da auto-sugestão dos adversários, que fazia com que ele utilizasse o mesmo caminho de dominação que vinha percorrendo internamente na Alemanha. O Führer repetia em escala internacional o fenômeno alemão.

corporificava certos complexos profundos desse povo. O Führer levava consigo os caracteres típicos da classe média alemã, que se identificava com ele. O que caracterizava essa camada das classes alemãs encontrou sua expressão num provérbio popular que fala de um ciclista: "Do alto, curva sua espinha; debaixo, pisoteia mais embaixo"; é a imagem da submissão aos que estão acima e da brutalidade com os que estão mais abaixo.

Na verdade era a pequena burguesia que sustentava o movimento de Hitler. As massas proletárias apenas se submeteram pois tinham sido derrotadas. Esse contexto possibilitou a instalação rápida e a posterior consolidação do movimento nazista.

O nazismo teve sua preparação, eclosão e rápida difusão facilitadas pelo clima intelectual criado nas primeiras décadas do século XX. Esse espírito se difundiu entre os jovens do país e um bom exemplo é o jornal *Jungdeutschlandbund* ("Juventude Alemã"), uma iniciativa do conhecido pedagogo alemão Feld-Marechal von der Goltz. Um trecho dessa publicação exemplifica bem a mentalidade reinante: "Para nós também a hora alegre e gloriosa da luta soará... Sim, será uma hora alegre, uma hora grandiosa que temos o direito de pedir no segredo de nossos votos. Desejar a guerra em altas vozes, transforma-se, muitas vezes, num orgulho não ou num ridículo tinir de sabres. Mas, é preciso que em

**A Alemanha investiu em armas e se viu preparada para entrar em uma guerra. Prometeu, quando mostrou o fogo para a humanidade, provocou a fúria de Zeus, que temia a dominação do mundo pelos homens. O fogo nesse sentido representa a força, a capacidade de dominação de quem o conhece.**

Hitler não se baseou em nenhum conjunto de doutrinas sociológicas e econômicas. Era um empírico. Mas apesar disso manipulou multidões por intuição, inconscientemente, através de métodos racionais eficazes.

Para compreender a influência de Hitler como escritor político, propagandista e psicólogo de massas, é necessário levar em conta os elementos psico-éticos do povo alemão. Hitler

*silêncio, no fundo dos corações alemães, viva o gosto da guerra e uma aspiração para ela.*

No entanto, querer acusar todo o povo alemão do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial e das atrocidades que foram cometidas por Hitler seria injusto. Eles foram vítimas da Propaganda e da Publicidade, ou seja, das *armas psíquicas* que tornam possíveis os sucessos temporários dos ditadores.

O ponto de partida era a circunstância de que os homens não têm, de forma alguma, a mesma reação diante das tentativas de sugestão que lhes queiram impor. Alguns *sucumbem* e outros *resistem*. E a proporção entre esses dois grupos era de 90 por 10, segundo estudos estatísticos na Alemanha.

Sobre sua estratégia Hitler dizia o seguinte: "A tarefa da propaganda é a de atrair adeptos, a da organização, a de captar seguidores, de filiá-los ao partido." A propaganda hitlerista, sobretudo, não se limitava a apelar para os adultos, para os eleitores, mas também para os jovens dos dois sexos e mesmo para as crianças. Hitler dizia aos resistentes: "Se não vindes para nossas fileiras, não faz diferença, mas, vossos filhos, nós os teremos, apesar de tudo!"

Isso desenvolveu na juventude alemã o culto da morte; slogans anormais eram espalhados: "Morreremos por Hitler; nascemos para morrer pela Alemanha, pelo Führer, etc." A propaganda de sugestão achava, naturalmente, um campo fértil entre as mulheres; aderiam, apesar das idéias antifeministas do movimento nazista, que procurava encerrá-las novamente numa escravidão medieval.

Já que havia dois grupos dentro da Alemanha, havia dois tipos de propaganda: uma dirigindo-se às pessoas bastante seguras de si para resistir à sugestão brutal, a outra, aos 90% de passivos ou hesitantes, que tinham seus mecanismos psíquicos acessíveis à sugestão emocional.

Esses dois métodos diferiam em princípio. A primeira agia por persuasão, por raciocínio (racio-propaganda) e era feita através dos jornais, discursos pelo rádio, reuniões com debates, brochuras e boletins, enfim a propaganda pessoal ou de porta em porta. A segunda agia por sugestão (senso-propaganda) e deflagrava o medo, e ao mesmo tempo seu complemento positivo – o entusiasmo, o delírio, tanto estático como

furioso. Era feita por meio de símbolos e ações que atuam sobre os sentidos, que causam emoções. Além dos símbolos gráficos, plásticos e sonoros, as bandeiras, uniformes, grandes manifestações e desfiles caracterizavam essa propaganda.

A propaganda nazista apesar de fazer pouco caso da verdade, usava o valor ligado à verdade, e a reprovação popular da mentira. Foi por isso que Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista, teve a audácia de afirmar no jornal *Das Reich*, de 31 de dezembro de 1944, que Hitler não mentia nunca. "Jamais sai de sua boca uma palavra mentirosa ou mal-intencionada. Ele é a verdade personificada."

Fica difícil acreditar nisso. Mas essa declaração naquela época não tinha nada de absurda dada a "magia" que foi criada em torno do *mito* Hitler. No fim, o líder acabou por personificar a omissão, pois conseguiu, como nenhum outro, privar o interlocutor de uma informação, e ainda fez com que este nem sentisse falta de tal informação.

Foi com esse objetivo que Goebbels ordenou aos jornais alemães que substituíssem as matérias censuradas por outros artigos ou comentários, para que não fossem publicados espaços em branco.

Muitas vezes a omissão não é considerada como mentira propriamente dita, pelo fato de não se afirmar nada falso. Mas a omissão pode ser caracterizada por dois traços principais. É a maneira mais fácil de mentir; de fato, ao não falar de uma coisa, não se fica exposto à contradição, ao contrário do que acontece quando se faz uma afirmação falsa ou uma negação.

A omissão é particularmente fácil de praticar quando se trata de esconder intenções pois estas são mais difíceis de detectar que os fatos. Se um fato é omitido, e se o interlocutor conhece o fato, ele poderá ficar surpreso e fazer questionamentos. Quanto às intenções, ele poderá fazer hipóteses, mas não terá



O Marechal e o Cabo: lute conosco por paz e direitos iguais

constatações para usar como argumento.

Com relação à propaganda e à informação política, a omissão propriamente dita, que é de natureza passiva, consistindo em não falar de um determinado aspecto, vem acompanhada algumas vezes de medidas ativas: os governos, para evitar que os cidadãos consigam por outras vias as informações subtraídas, recorrem em certos casos à censura dos jornais de seus países, e à *interferência* nas emissões radiofônicas estrangeiras.

Na Alemanha Hitlerista, as ordens de censura foram muito numerosas. Um quarto das cinqüenta mil instruções enviadas por Goebbels eram recomendações de silêncio. Durante a Segunda Guerra, o ministro da propaganda institui uma agência especial cuja tarefa era produzir falsas notícias destinadas aos correspondentes dos jornais estrangeiros. E em alguns casos ele teve tanto êxito em fazê-las publicar, que alguns chefes nazistas e o próprio Hitler nelas acreditavam.

Esse conjunto de *estratégias* e conceitos contribuiu para o sucesso do nazismo. Hitler criou suas próprias verdades e construiu um castelo sobre elas.

*silêncio, no fundo dos corações alemães, viva o gosto da guerra e uma aspiração para ela.*"

No entanto, querer acusar todo o povo alemão do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial e das atrocidades que foram cometidas por Hitler seria injusto. Eles foram vítimas da Propaganda e da Publicidade, ou seja, das *armas psíquicas* que tornam possíveis os sucessos temporários dos ditadores.

O ponto de partida era a circunstância de que os homens não têm, de forma alguma, a mesma reação diante das tentativas de sugestão que lhes queiram impor. Alguns *sucumbem* e outros *resistem*. E a proporção entre esses dois grupos era de 90 por 10, segundo estudos estatísticos na Alemanha.

Sobre sua estratégia Hitler dizia o seguinte: "A tarefa da propaganda é a de atrair adeptos, a da organização, a de captar seguidores, de filiá-los ao partido." A propaganda hitlerista, sobretudo, não se limitava a apelar para os adultos, para os eleitores, mas também para os jovens dos dois sexos e mesmo para as crianças. Hitler dizia aos resistentes: "Se não vindes para nossas fileiras, não faz diferença, mas, vossos filhos, nós os teremos, apesar de tudo!"

Isso desenvolveu na juventude alemã o culto da morte; slogans anormais eram espalhados: "Morreremos por Hitler; nascemos para morrer pela Alemanha, pelo Führer, etc." A propaganda de sugestão achava, naturalmente, um campo fértil entre as mulheres; aderiam, apesar das idéias antifeministas do movimento nazista, que procurava encerrá-las novamente numa escravidão medieval.

Já que havia dois grupos dentro da Alemanha, havia dois tipos de propaganda: uma dirigindo-se às pessoas bastante seguras de si para resistir à sugestão brutal, a outra, aos 90% de passivos ou hesitantes, que tinham seus mecanismos psíquicos acessíveis à sugestão emocional.

Esses dois métodos diferiam em princípio. A primeira agia por persuasão, por raciocínio (racio-propaganda) e era feita através dos jornais, discursos pelo rádio, reuniões com debates, brochuras e boletins, enfim a propaganda pessoal ou de porta em porta. A segunda agia por sugestão (senso-propaganda) e deflagrava o medo, e ao mesmo tempo seu complemento positivo – o entusiasmo, o delírio, tanto estético como

fúris. Era feita por meio de símbolos e ações que atuam sobre os sentidos, que causam emoções. Além dos símbolos gráficos, plásticos e sonoros, as bandeiras, uniformes, grandes manifestações e desfiles caracterizavam essa propaganda.

A propaganda nazista apesar de fazer pouco caso da verdade, usava o valor ligado à verdade, e a reprovação popular da mentira. Foi por isso que Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista, teve a audácia de afirmar no jornal *Das Reich*, de 31 de dezembro de 1944, que Hitler não mentia nunca. "Jamais sai de sua boca uma palavra mentirosa ou mal-intencionada. Ele é a verdade personificada."

Fica difícil acreditar nisso. Mas essa declaração naquela época não tinha nada de absurda dada a "magia" que foi criada em torno do *mito* Hitler. No fim, o líder acabou por personificar a omissão, pois conseguiu, como nenhum outro, privar o interlocutor de uma informação, e ainda fez com que este nem sentisse falta de tal informação.

Foi com esse objetivo que Goebbels ordenou aos jornais alemães que substituíssem as matérias censuradas por outros artigos ou comentários, para que não fossem publicados espaços em branco.

Muitas vezes a omissão não é considerada como mentira propriamente dita, pelo fato de não se afirmar nada falso. Mas a omissão pode ser caracterizada por dois traços principais. É a maneira mais fácil de mentir; de fato, ao não falar de uma coisa, não se fica exposto à contradição, ao contrário do que acontece quando se faz uma afirmação falsa ou uma negação.

A omissão é particularmente fácil de praticar quando se trata de esconder *intenções* pois estas são mais difíceis de detectar que os fatos. Se um fato é omitido, e se o interlocutor conhece o fato, ele poderá ficar surpreso e fazer questionamentos. Quanto às intenções, ele poderá fazer hipóteses, mas não terá



O Marechal e o Cabo: lute conosco por paz e direitos iguais

constatações para usar como argumento.

Com relação à propaganda e à informação política, a omissão propriamente dita, que é de natureza passiva, consistindo em não falar de um determinado aspecto, vem acompanhada algumas vezes de medidas ativas: os governos, para evitar que os cidadãos consigam por outras vias as informações subtraídas, recorrem em certos casos à censura dos jornais de seus países, e à *interferência* nas emissões radiofônicas estrangeiras.

Na Alemanha Hitlerista, as ordens de censura foram muito numerosas. Um quarto das cinqüenta mil instruções enviadas por Goebbels eram recomendações de silêncio. Durante a Segunda Guerra, o ministro da propaganda institui uma agência especial cuja tarefa era produzir falsas notícias destinadas aos correspondentes dos jornais estrangeiros. E em alguns casos ele teve tanto êxito em fazê-las publicar, que alguns chefes nazistas e o próprio Hitler nelas acreditavam.

Esse conjunto de *estratégias* e conceitos contribuiu para o sucesso do nazismo. Hitler criou suas próprias verdades e construiu um castelo sobre elas.